

CRENÇAS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II SOBRE AS METODOLOGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM¹

Ana Dalete da Silva (UERN)²

anadaletesilva@hotmail.com

Introdução

Neste estudo, objetivamos fazer uma reflexão sobre as crenças de quatro professores do Ensino Fundamental II sobre as metodologias de ensino de língua inglesa, descrevendo, analisando e discutindo os dados coletados. Levando em consideração que as crenças de professores acerca das metodologias de ensino são aspectos essenciais na construção das posturas metodológicas desenvolvidas em sala de aula, bem como na compreensão dos fatores que direcionam o fazer docente, acreditamos ser relevante analisarmos as possíveis crenças desses profissionais atuantes em escolas públicas sobre o processo de ensino de língua inglesa.

As investigações sobre crenças constituem um campo de pesquisa recente no Brasil e caracteriza-se pelo crescente número de estudos que vêm sendo realizado. Em virtude disso, consideramos significativo mostrarmos novos paradigmas de investigações nessa área, a fim de apresentarmos pesquisas acerca de crenças numa perspectiva de envolver segmentos mais característicos no ensino de línguas. Ao refletirmos sobre esses aspectos, buscamos conhecer as crenças que influenciam as metodologias de ensino adotadas por esses professores.

Para compreendermos as implicações da nossa temática e a partir desse entendimento sistematizarmos nosso trabalho, recorreremos a Alvarez (2007), André (1996), Barcelos (1995, 2001, 2003, 2004, 2006), Pagano (2000), Pajares (1992), Kalaja (1995), Silva (2005), Totis (1991) entre outros teóricos. Para tanto, nosso estudo trata-se de uma pesquisa de campo, com enfoque descritivo-interpretativo, no qual os dados foram analisados qualitativamente. Como instrumentos de pesquisa utilizamos o autorrelato e a observação não participante.

1. Crenças no ensino de línguas: contextualizando conceitos

Neste tópico, com base no campo teórico presente na literatura da área, fazemos uma discussão sobre as crenças no ensino de língua inglesa, buscando compreender a influência das metodologias no processo ensino-aprendizagem de línguas. Para tal, apresentamos uma análise reflexiva dos pontos relevantes que abrangem a temática, de forma que possa fundamentar o desenvolvimento deste trabalho.

¹ O presente trabalho é um recorte da monografia de graduação, construída sob a orientação do professor Me. Marcos Antonio da Silva (DLE/UERN).

² Bolsista da CAPES e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM, Pau dos Ferros - RN.

Desse modo, elencaremos, inicialmente, algumas considerações históricas sobre o conceito de crenças, com base em teóricos que tratam do assunto. Em seguida, buscando dar respaldo a esse estudo, trataremos das questões relativas ao processo de ensino de língua inglesa, sobretudo na influência que as metodologias adotadas exercem no contexto educacional.

De acordo com Barcelos (2004), os estudos sobre crenças apontam desde a década de 70, porém, não com essa denominação. Inicialmente, uma variedade de nomenclaturas foram designadas para nomear o termo crenças, entre eles podemos destacar: experiências, representações, cultura de aprender línguas, construtos pessoais, filosofia de aprendizagem de línguas dos aprendizes, imaginário, entre outros.

No entanto, somente em 1985, com a Linguística Aplicada, é que surge o termo “crenças sobre aprendizagem de línguas”. Contudo, o campo teórico da área nos mostra que com o decorrer dos anos, diversas pesquisas foram realizadas por linguistas e por diferentes áreas do conhecimento. Isto nos revela a abrangência dos estudos sobre crenças que abarca diversas instâncias do conhecimento. Conforme coloca Pajares (1992, p. 52), “as crenças constituem um assunto de legítima pesquisa em diferentes áreas como medicina, direito, antropologia, sociologia, ciências políticas, comércio, psicologia, filosofia”.

A princípio, os estudos sobre crenças estavam mais ligados aos processos cognitivos e individuais, porém, considerando as inúmeras investigações, que tomam como objeto de estudo, as crenças, passou-se a considerar as questões sociais. Nesse sentido, é da amplitude desses estudos que deriva a sua complexidade (PAJARES, 1992), visto que não existe uma caracterização única para esse termo. Para Barcelos (2001, p. 72),

Apesar de ainda não haver uma definição uniforme a respeito de crenças sobre aprendizagem de línguas, em termos gerais, elas podem ser definidas como opiniões e ideias que alunos (e professores) têm a respeito dos processos de ensino e aprendizagem de línguas.

Ainda segundo Barcelos (2006, p. 151), as crenças são:

Como uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação, (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais.

A partir das afirmações de Barcelos, compreendemos que crenças estão associadas ao processo cognitivo dos sujeitos, colocada pela autora “como uma forma de pensamento”, isto é, como ideias que são armazenadas na mente humana, resultantes das experiências construídas socialmente, por meio da interação entre os sujeitos, e estão relacionadas à maneira de pensar e agir dos indivíduos (KALAJA, 1995; BARCELOS, 2003; SILVA, 2005; entre outros).

Esse pensamento também é compartilhado por Pajares (1992), ao salientar que as crenças estão permeadas de significações cognitivas que, por sua vez, foram arquivadas na memória dos indivíduos. Constituindo, dessa forma, o impulso que os mobiliza a tomada de decisões e a compreensão do mundo. Assim, “crenças são os melhores indicadores das decisões que as pessoas fazem no decorrer de suas vidas” (PAJARES, 1992, p. 307).

Segundo Wenden (1999), as crenças também são vistas como “conhecimento metacognitivo”. Isto se dá ao fato da autora considerar que elas podem ser construídas de

maneira consciente ou inconsciente, visto que estão relacionadas à compreensão do indivíduo, com base nas suas experiências, situações ou contexto no qual os sujeitos estão inseridos. Para Alvarez (2007, p. 200),

A crença constitui uma firme convicção, opinião e/ou ideia que têm o indivíduo com relação a algo. Essa convicção está ligada a intuições que tem como base as experiências vivenciadas, o tipo de personalidade e a influencia de terceiros, pois elas são construídas socialmente e repercutem nas suas intenções, ações, comportamentos, atitudes, motivações e expectativas para atingir determinado objetivo. Elas podem ser modificadas com o tempo, atendendo às necessidades do indivíduo e a redefinição de seus conceitos, se convencido de que tal modificação lhe trará benefícios.

Nessa perspectiva, as crenças são entendidas como resultados das vivências do ser humano, por isso sua relação intrínseca com o aspecto social. Além disso, deve-se levar em conta a influência que elas exercem nas ações das pessoas, sobretudo no processo de ensino de línguas. Paraphrasing Santos (1994), são as crenças que conduzem grande parte das nossas atitudes e escolhas.

Dessa forma, as crenças representam um elemento de grande relevância para os estudos realizados entre os teóricos. André (1996, p. 36) aponta que “crenças são entendidas como posicionamentos e comportamentos embasados em reflexões, avaliações e em julgamentos que servem como base para ações subsequentes”. Neste prisma, compreende-se que as nossas ações estão relacionadas com as nossas crenças e estas se originam a partir das experiências e das relações com o meio social. De acordo com o conceito apresentado por Félix (1998, p. 26) crença é,

Opinião adotada com fé e convicção baseada em pressuposições e elementos afetivos que se mostram influências importantes para o modo como os indivíduos aprendem com as experiências e caracterizam a tarefa de aprendizagem (do aluno, no caso do professor).

Conforme o exposto pelo autor, percebemos que as crenças são construídas de maneira abstrata, podendo ser pessoais ou não, pois são influenciadas pelas experiências que cada indivíduo vivencia ao longo de sua trajetória de vida. Com isso, ao tratarmos das crenças no ensino de línguas, podemos afirmar que elas ocasionam diversas implicações nesse processo, já que são grandes norteadoras de atitudes e comportamentos.

A definição apresentada por Santos (1994) enfatiza que crenças são percepções, isto é, ideias, valores, concepções incorporadas no decorrer da vida do sujeito. Sob essa ótica, Barcelos (2006, p. 19) afirma que as crenças “não estão dentro de nossas mentes como uma estrutura mental pronta e fixa, mas mudam e se desenvolvem à medida que interagimos e modificamos nossas experiências e somos, ao mesmo tempo, modificados por elas”.

Assim, ao falarmos em crenças devemos considerar as condições sócio-históricas por meio das quais foram originadas, visto que não há como desconsiderar o contexto, as interações, as relações nas quais os sujeitos estão expostos, tendo em vista que todos esses aspectos ocasionam a construção de novas crenças ou a substituição de velhas crenças. Diante disso, Barcelos (1995, p. 50) acrescenta que crenças podem ser entendidas como,

Conhecimento intuitivo implícito (ou explícito) dos aprendizes constituído de crenças, mitos, pressupostos culturais e ideais sobre como aprender

línguas. Esse conhecimento, compatível com sua idade e nível socioeconômico, é baseado na sua experiência educacional anterior, leituras prévias e contatos com pessoas influentes.

Nesse sentido, as crenças podem ser entendidas como uma maneira de compreender e interpretar o mundo e influenciam diretamente a tomada de decisões dos indivíduos. Além disso, são históricas e culturalmente construídas, podendo sofrer modificações. Conforme afirma Kalaja (1995, p. 196), “as crenças podem mudar de um aluno para outro, de uma época para outra, e de um contexto para outro, ou até mesmo dentro de um mesmo contexto ou ocasião”. Isto é, as crenças podem ser influenciadas e, assim, serem transformadas e/ou alteradas. Silva (2005, p. 77) também enfatiza o caráter inconstante das crenças. Para ele as crenças são,

Ideias ou conjunto de ideias para as quais apresentamos graus distintos de adesão [...] são essas ideias que tanto alunos, professores e terceiros têm a respeito do processo de ensino/aprendizagem de línguas e que se (re)constróem neles mediante as suas próprias experiências de vida e que se mantêm por um certo período de tempo.

À luz da afirmação apresentada pelo teórico, fica evidente o processo dinâmico das crenças, haja vista poderem ser construídas, reconstruídas ou substituídas por novas crenças. A relação contínua entre as crenças e as ações está associada ao processo de redefinição dos conceitos, provenientes das novas experiências dos sujeitos, interações sociais e acontecimentos histórico-culturais que, por sua vez, ocasionam constantes alterações nas crenças.

Para Coelho (2006, p. 128), crenças são “teorias implícitas e assumidas com base em opiniões, tradições e costumes, teorias que podem ser questionadas e modificadas pelo efeito de novas experiências”. Por isso, se constitui como um assunto complexo, conforme reconhecido por alguns autores, entre eles: Price (1969), Pajares (1992), Woods (1996) e Johnson (1999). De acordo com Silva (2005, p. 164),

Os estudos das crenças são, a nosso ver, o ponto de partida para as teorizações, ou seja, são uma reserva potencial para os pressupostos no ensino de línguas, intimamente interligada com a nossa prática pedagógica e com a formação de professores (e acrescentamos de “alunos”) de línguas.

Os objetos de investigação são diversificados, os próprios autores admitem a multiplicidade das facetas apresentadas por muitos estudiosos desse campo de pesquisa. Das questões investigadas por alguns pesquisadores, podemos citar trabalhos como: as crenças de professores em formação inicial ou continuada; crenças de professores e alunos sobre o ensino de inglês nas escolas públicas; crenças sobre os processos de ensino/aprendizagem; crenças de professores sobre avaliação e sobre práticas pedagógicas, etc.

Em meio ao vasto campo de concepções teóricas, as crenças têm constituído um estudo de constantes investigações, para tanto tem se mostrado fértil. Por isso, a dificuldade em definir o termo crenças, visto que existe uma multiplicidade de aspectos que direcionam a inúmeras linhas investigativas, o que torna difícil uma definição para crenças. No entanto, considerando os diversos conceitos apresentados, enfatizamos que esses pressupostos teóricos não se anulam, mas dialogam entre si. Principalmente pelo fato de se perceber a relevância dessas pesquisas na compreensão das questões que norteiam as instâncias educativas.

Portanto, tais concepções se complementam e contribuem para a compreensão das crenças enquanto ponto de partida para o entendimento das questões referentes ao ensino, tópico esse a ser discutido em seguida.

2. Crenças no ensino de língua estrangeira

Quando tratamos de ensino de línguas, vemos que as pesquisas sobre crenças tem se tornado cada vez mais predominantes, essencialmente nos estudos referentes ao campo da Linguística Aplicada (BARCELOS, 2004). Porém, como descrito anteriormente, os estudos sobre crenças, a nível internacional, remontam desde a década de 70, no entanto, somente na década de 90 com os estudos de Leffa (1991), Barcelos (1995) e Almeida Filho (1993) é que essas investigações ganham impulso no Brasil.

Contudo, é importante destacar que as crenças não constituem interesse de investigações apenas na área de Língua Estrangeira (LE), alguns estudos tratam, também, das crenças no processo de ensino e aprendizagem de língua materna (LM). Entretanto, é sobre as crenças no ensino de língua estrangeira que discutiremos.

Segundo Pagano (2000, p. 09) as crenças são “todos os pressupostos a partir do qual o aprendiz constrói uma visão do que seja aprender e adquirir conhecimento”. Nessa perspectiva, ao falarmos de ensino de línguas, as crenças representam um elemento crucial dentro desse processo, uma vez que são grandes norteadoras das atitudes em sala de aula, exercendo significativa influência sobre o processo de ensino e aprendizagem de línguas.

Conforme indica Barcelos (2003), a princípio, as pesquisas sobre crenças e ensino de línguas estavam associadas à ideia de corretas ou incorretas, sendo compreendidas como uma forma de promover ou complicar o processo de ensino-aprendizagem. Acreditava-se que crenças quando não adequadas poderiam ocasionar entraves no processo educativo.

Além disso, algumas pesquisas tratavam as crenças como invariáveis, permanentes e totalmente desvinculadas do conhecimento. Contudo, essa vertente positivista aos quais os estudos sobre crenças estavam relacionadas vêm ganhando novas dimensões, isto porque as investigações têm evidenciado a relação das crenças com o contexto social e com a interação entre os sujeitos. De acordo com Sadalla (1998, p. 34),

As crenças representam uma matriz de pressupostos que dão sentido ao mundo, não sendo, apenas, um mero reflexo da realidade, mas sim vão sendo construídas na experiência, no percurso da interação com os demais integrantes desta realidade.

Essas palavras nos mostram que as crenças são construtos sociais, resultantes das interações com o ambiente, com as pessoas e mediadas pelas experiências vivenciadas pelo ser humano. Portanto, não podem estar desconectadas do contexto social, tampouco, do conhecimento. Segundo Dufva (2003, p. 136), “as crenças resultam de processos contínuos de interação que os indivíduos se envolvem durante a vida. Como esses processos são contínuos em sua natureza, as crenças são, também, não estáticas e suscetíveis à mudança”.

Partindo dessa premissa, nota-se que as crenças estão estritamente relacionadas às ações, pois são grandes modeladoras de comportamentos e atitudes. Por isso, conforme colocado por Barcelos (2006), as crenças são paradoxais, ou seja, nem sempre agimos conforme o que acreditamos. Isto nos retoma a questão da *relação hermenêutica* discutida pela a teórica, que propõe a dissonância entre crenças e ações, ou melhor, entre “o dizer e o fazer”. A autora acrescenta que “crenças são parte das nossas experiências e estão inter-

relacionadas com o meio em que vivemos” (BARCELOS 2001, p. 59). Em se tratando do ensino de língua estrangeira, o estudo sobre crenças tem integrado importantes premissas para a compreensão das instâncias que compõem o processo de ensino. Nas palavras de Silva (2005, p. 78),

As crenças seriam um acervo vivo de verdades individuais ou coletivas, na maioria das vezes implícitas, (re) construídas ativamente nas experiências, que guiam a ação do indivíduo e podem influenciar a crença de outros que estejam ou não inseridos na sala de aula.

Percebe-se, desse modo, que as crenças podem acarretar inúmeras implicações no que concerne ao ensino de línguas. Uma das principais se refere à sua inter-relação com as ações (WOODS, 1996), já que sob uma perspectiva atual, as crenças são sociais, dinâmicas e interativas. Sendo assim, para Duvfa (2003, p.135), “as crenças dos sujeitos são consequência de uma série de interações nas quais eles se envolvem e dos discursos aos quais eles são expostos”.

Pensando nisso, quando falamos da sua relação com o ensino de línguas, vemos que a elas podem colaborar na compreensão das posturas tanto dos professores como dos alunos. Já que a dinâmica de sala de aula está estritamente relacionada às crenças que esses indivíduos possuem quanto ao ensino e a aprendizagem de língua estrangeira (LE). De acordo com Barcelos (2004, p. 20), crenças são “construtos sociais nascidos de nossas experiências e de nossos problemas (...) de nossa interação com o contexto e de nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca”.

Isto é, as crenças podem definir a maneira, as estratégias, os comportamentos e ações de educadores e aprendizes no processo de ensino de línguas. Para tanto, é importante frisar a relevância das pesquisas realizadas a fim de consolidar uma sistematização reflexiva acerca do ensino de língua estrangeira, vislumbrando delinear esclarecimentos sobre os segmentos do ensino, com o propósito de fortalecer o processo de ensino e aprendizagem de línguas.

3. Conhecendo as crenças de professores de Língua Inglesa

Nesta sessão, analisamos os dados coletados de quatro professores de língua inglesa do Ensino Fundamental II que atuam em escolas públicas. Apresentamos, a seguir, as interpretações e reflexões acerca das crenças desses docentes quanto ao ensino de língua inglesa, principalmente no que concernem às metodologias de ensino adotadas por esses profissionais em sala de aula.

Para isso, fazemos uma triangulação com os dados obtidos: as observações de aulas, os autorrelatos aplicados com os indivíduos pesquisados e o aporte teórico utilizado. Assim, corroboramos do pensamento de Barcelos (2004) quando afirma que a investigação das crenças deve ser feita de maneira contextualizada, de modo a correlacionar as informações com as ações.

Dessa maneira, a partir dos relatos apresentados pelos professores investigados, notamos a possibilidade de categorizar suas crenças acerca das concepções de língua em dois segmentos: 1) língua como ferramenta comunicativa e 2) língua como mediadora das práticas sociais. Nesse sentido, a fim de sistematizarmos as informações obtidas, vejamos a seguir fragmentos dos discursos apresentados pelos docentes que remontam as suas concepções de linguagem sobre o ensino de línguas, como também sobre suas práticas metodológicas desenvolvidas em sala de aula.

AMOSTRA 01- PROFESSORA 01

(...) a língua inglesa é um canal de acesso para a comunicação com o mundo, possibilitando o contato com diferentes povos e culturas. Além de propiciar a inserção do aluno frente às demandas atuais em diversos aspectos, sejam eles: educativos, profissionais, tecnológicos, entre outros. Durante todo o processo metodológico desenvolvido em sala de aula, procuro usar, ou melhor, mesclar métodos que me auxiliem na busca de atingir os objetivos desejados. (...) Estou sempre procurando inovar, usando também dos recursos tecnológicos que a escola dispõe e assim reforçar minha prática com aulas atrativas e significativas.

No fragmento acima, percebemos que as concepções de língua que fundamentam a professora são baseadas nos propósitos comunicativos e sociais. Quando a professora 1 relata que a linguagem é o “canal de acesso para a comunicação com o mundo, possibilitando o contato com diferentes povos e culturas”, isto remete-nos à natureza sociointeracional da linguagem apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais de língua estrangeira (1998). Esse documento aborda que o uso da linguagem é fundamentalmente determinado pelo universo social, pois é por meio da linguagem que os indivíduos agem e interagem com o mundo. Quanto à sua prática metodológica a docente prefere optar pelo que classifica como “mesclar métodos”, a fim de alcançar as metas almejadas. Além disso, evidencia que constantemente utiliza ferramentas tecnológicas em suas aulas, buscando, com isso, atrair os educandos para participarem das aulas.

AMOSTRA 02- PROFESSORA 02

(...) língua de comunicação internacional, seja ela em contatos pessoais, pela internet entre outros. O uso dessa língua amplia as possibilidades do indivíduo na qualificação profissional, a inserção no mundo da língua inglesa leva o aluno a conhecer e usar a língua estrangeira moderna como acesso às informações e a outras culturas e grupos sociais. Tento realizar um trabalho voltado para os alunos onde eles possam construir sentidos em contextos diversificados, através de múltiplas manifestações das linguagens em suas práticas sociais. Por isso, é imprescindível envolvê-los em atividades diferenciadas para que eles compreendam melhor o mundo em que vivem, atuando, questionando e quem sabe até modificando o mesmo.

No que concerne aos dados da referida professora, percebemos que ela demonstra em seu discurso crenças altamente significativas a sua prática docente. A mesma revela compreender a importância de sua atuação profissional no ensino de língua inglesa. Paraphrasing Prabhu (1990), é imprescindível que o educador se conheça e reconheça no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a professora 2 revela reconhecer à necessidade de desenvolver um trabalho escolar direcionado a integração de diferentes saberes, organizado de forma contextualizada e dinamizada.

AMOSTRA 03- PROFESSORA 03

Tenho me esforçado bastante para mostrar aos alunos a importância de se conhecer/estudar inglês, tentando mostrar as inúmeras palavras da língua inglesa que eles fazem uso diariamente como si fossem³ da sua própria língua (LM), principalmente nas redes sociais (...). No minha prática em sala de aula, procuro selecionar textos com temas realmente relevantes para que possam acionar o conhecimento de mundo que já possuem como uma estratégia para ajudar a compreender o texto.

No discurso da professora 3, fica evidente a sua preocupação em demonstrar para os alunos não somente o caráter social da língua, como também o caráter funcional, ao afirmar que vem “tentando mostrar as inúmeras palavras da língua inglesa que eles fazem uso diariamente como si fossem da sua própria língua (LM), principalmente nas redes sociais (...)”. Percebe-se em seu discurso a crença de que esse pensamento seria uma forma viável para construir a consciência linguística dos usos que se fazem da língua inglesa. Isso nos faz retomar os conceitos de Totis (1991, p. 15) ao salientar que “a aprendizagem de uma língua estrangeira proporciona ao indivíduo a oportunidade de vivenciar novas situações e novos papéis, favorecendo um aproveitamento das relações em situação de comunicação”. Um aspecto relevante nesse argumento é a tentativa da professora 3 em conectar o ensino com a realidade dos alunos.

AMOSTRA 04- PROFESSOR 04

Compreendo a funcionalidade desse idioma enquanto língua de interação social mundial, por isso a importância de se aprender língua inglesa no contexto atual. Desse modo, busco envolver o aluno na prática discursiva, onde ele possa desenvolver o seu senso crítico podendo fazer parte do mundo globalizado, compreendendo e participando desse mundo ativamente. Diante disso, as atividades propostas estão relacionadas também ao conhecimento tanto da nossa cultura como também das culturas de outros países.

Nos discursos apresentados, notamos que os docentes concebem o cunho sociointeracional da linguagem, bem como a concepção de que a língua é uma via de inserção do indivíduo nas instâncias discursivas que constituem os processos de uso da linguagem, conforme colocado pelo professor 4 que compreende a língua como sinônimo de “interação social mundial”. Quanto à prática docente desempenhada pelo professor investigado, notamos no seu relato resquícios de um trabalho alternativo e variado. O professor demonstra acreditar que os métodos de ensino utilizados variam conforme o contexto de cada sala de aula. Nesse sentido, levando-se em consideração as observações das aulas efetivadas em consonância com as concepções expressas nos autorrelatos, percebemos que os professores evidenciam a crença de um ensino de língua voltado para uma alusão inter social.

³ Os dados coletados foram mantidos na sua originalidade.

De modo geral, os professores revelam acreditar que a língua inglesa é uma ferramenta relevante de integração dos indivíduos na dinâmica das relações sociais, assumindo papel importante não somente no âmbito escolar como também nas diversas esferas do cotidiano.

Conclusão

Esta pesquisa, além de representar segmentos de profunda relevância acerca do ensino de língua inglesa, nos enriqueceu com reflexões que nos ajudarão em nossa futura prática docente. Aqui discutimos sobre crenças, metodologias de ensino, e sobre as implicações das posturas metodológicas adotadas pelos professores analisados durante o trabalho docente executado em sala de aula. Assim, consideramos a compreensão desses aspectos essenciais no entendimento das questões que norteiam o processo de ensino e aprendizagem de línguas. Nossa pesquisa envolveu quatro professores do Ensino Fundamental II de duas escolas públicas.

Em linhas gerais, podemos perceber na análise dos dados que os quatro professores revelaram de forma consensual acreditar que a língua inglesa é um canal de acesso à implementação dos sujeitos nas relações sociais, sendo, dessa forma uma língua integradora, viabilizando a participação ativa dos aprendizes em diversas instâncias da sociedade atual. Para os docentes, além de seu propósito educativo, a língua inglesa favorece o desenvolvimento das inter-relações comunicativas, profissionais, individuais e coletivas. Conforme expresso em seus relatos, os(as) professores(as) mostraram compreender e reconhecer a importância da língua inglesa frente às demandas da sociedade atual. Além disso, buscam por meio de suas práticas educativas maneiras de fortalecer o ensino e promover uma educação de qualidade.

Contudo, percebemos crenças ainda fortemente arraigadas, mas também crenças em mudança, demonstrando segmentos que necessitam serem estudados. Para tanto, apesar de alguns crescentes avanços, ainda é necessário que professores de línguas busquem continuamente aperfeiçoar suas práticas pedagógicas, com vista a formar cidadãos críticos-reflexivos, primando pela qualidade do ensino de língua inglesa. Sendo assim, esperamos que esse trabalho possibilite contribuições para aqueles que irão realizar trabalhos acadêmicos na área, mais especificamente no campo de crenças sobre o ensino de língua inglesa.

Referências

ALVAREZ, M. L. O. **Crenças, motivações e expectativas de alunos de um curso de formação Letras/Espanhol**. In ALVAREZ M. L. O.; SILVA, K. A (Orgs) *Linguística Aplicada: Múltiplos Olhares – Estudos em homenagem ao Professor Dr. José Carlos Paes de Almeida Filho*, Campinas, SP: Pontes Editores, 2007, p. 150-200.

ANDRÉ, M. D. A. **Avaliação Escolar: Além da Meritocracia e do Fracasso**. Cadernos de Pesquisas, São Paulo: Lonfrina: 1996, p. 16-36.

BARCELOS, A. M. F. **A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos de Letras**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 1, n. 1, 2001, p. 59-72.

_____. Teachers' and students' beliefs within a Deweyan framework: conflict and influence. In: KALAJA, P.; BARCELOS, A. M. F. (Orgs) **Beliefs about SLA: New research approaches**. Kluwer Academic Publishers. Netherlands, 2003, p. 171-200.

_____. "Crenças sobre Ensino e Aprendizagem, Linguística Aplicada e Ensino de Línguas". In: **Linguagem e Ensino**. Pelotas, 2004, v. 7, n.1, p. 20-132.

_____. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V (Orgs.) **Crenças e Ensino de Línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 19-151.

COELHO, H. S. H. É possível aprender inglês na escola? – Crenças de professores sobre o ensino de inglês em escolas públicas. In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Orgs.) **Crenças e Ensino de Línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 128-146, 2006.

DUFVA, H. Beliefs in dialogue: A bakhtinian view. In: KALAJA, P.; BARCELOS, A. M. F. (Orgs) **Beliefs about SLA: New research approaches**. Kluwer Academic Publishers. Netherlands, p. 135-136, 2003.

FÉLIX, A. **Crenças do professor sobre o melhor aprender de uma língua estrangeira na escola**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1998.

KALAJA, P. Students beliefs (or metacognitive knowledge) about language SLA reconsidered. **International Journal of Applied Linguistics**, vol. 5, n. 2, p. 196-204. 1995.

PAGANO, A. S.; MAGALHÃES, C.M; ALVES, F. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Contexto, 2000.

PAJARES, M. F. Crenças dos professores e pesquisa educacional. **Review of Educational Research**, vol. 62, n. 3, 1992, p. 52-326.

SADALLA, A. M. F. A. **Com a palavra, a professora: suas crenças, suas ações**. Campinas: Alínea, 1998, p. 34-38.

SILVA, K. A. **Crenças e aglomerados de crenças de alunos ingressantes em Letras (Inglês)**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Campinas, SP. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2005.

TOTIS, V. P. **Língua Inglesa: leitura**. São Paulo: Cortez, 1991, p. 15-29.